



## ANAIS do 34º Congresso Brasileiro de Espeleologia

Ouro Preto SP, 13-18 de junho de 2017 - ISSN 2178-2113 (online)



O artigo a seguir é parte integrando dos Anais do 34º Congresso Brasileiro de Espeleologia disponível gratuitamente em [www.cavernas.org.br/34cbeanais.asp](http://www.cavernas.org.br/34cbeanais.asp)

Sugerimos a seguinte citação para este artigo:

OLIVEIRA, T. B.; SANTOS, J. S.. Abrigos rochosos e sepultamentos indígenas no interior da Paraíba, Brasil. In: RASTEIRO, M.A.; TEIXEIRA-SILVA, C.M.; LACERDA, S.G. (orgs.) CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPELEOLOGIA, 34, 2017. Ouro Preto. *Anais...* Campinas: SBE, 2017. p.587-593. Disponível em: <[http://www.cavernas.org.br/anais34cbe/34cbe\\_587-593.pdf](http://www.cavernas.org.br/anais34cbe/34cbe_587-593.pdf)>. Acesso em: *data do acesso*.

A publicação dos Anais do 34º CBE contou com o apoio do Instituto Brasileiro de Mineração. Acompanhe a cooperação SBE-IBRAM em [www.cavernas.org.br/sbe-ibram](http://www.cavernas.org.br/sbe-ibram)

Esta é uma publicação da Sociedade Brasileira de Espeleologia.  
Consulte outras obras disponíveis em [www.cavernas.org.br](http://www.cavernas.org.br)



**IBRAM** 40 anos  
INSTITUTO BRASILEIRO DE MINERAÇÃO  
Brazilian Mining Association  
Câmara Mineira de Brasil

## ABRIGOS ROCHOSOS E SEPULTAMENTOS INDÍGENAS NO INTERIOR DA PARAÍBA, BRASIL

*ROCK SHELTERS AND INDIGENOUS BURIALS IN THE INTERIOR OF PARAÍBA*

**Thomas Bruno OLIVEIRA; Juvandi de Souza SANTOS**

Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB (LABAP/UEPB), Campina Grande PB.

Grupo Paraíba de Espeleologia (GPE/UEPB), Campina Grande PB.

Sociedade Paraibana de Arqueologia (SPA), Campina Grande PB.

Contatos: [thomasbruno84@gmail.com](mailto:thomasbruno84@gmail.com); [juvandi@terra.com.br](mailto:juvandi@terra.com.br).

### Resumo

O presente trabalho apresenta um inventário de sítios arqueológicos pré-históricos em cavidades naturais no interior do Estado da Paraíba, seus testemunhos (pinturas rupestres e sepultamentos humanos) ressaltando a falta de ações de salvaguarda que vem ameaçando a integridade do Patrimônio Cultural da Paraíba.

**Palavras-Chave:** abrigos rochosos; sítio pré-histórico; Paraíba.

### Abstract

*This work presents a caught up of prehistoric archaeological sites in natural cavities in the state of Paraíba, their testimonies (cave paintings and human burials) and the sad coincidence of all of them wich is the complete vandalism that occurred through the years.*

**Key-words:** rock shelters; prehistoric archaeological sites; Paraíba.

## 1. INTRODUÇÃO

Há inúmeros cemitérios indígenas por toda a Paraíba. Geralmente em cavidades naturais, interior de abrigos rochosos: furnas, lapas, afloramentos arqueados, etc. Estes cemitérios são descobertos fortuitamente por caçadores e pastores de caprinos, que utilizam frequentemente estes lugares como pouso de caça ou as descobrem quando procurando recolher os animais no pastoreio, encontram ossadas humanas por sobre o sedimento das furnas, trazidas à tona por pebas, águas pluviais ou no próprio ato de espojo dos animais. Estes lugares de inumação de cadáveres e de culto acabam por ser estrategicamente escolhidos justamente pelo abrigo proporcionado nestes espaços. A história da Paraíba registra inúmeros.

## SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS EM CAVIDADES NATURAIS NA PARAÍBA

Distante 2,5 km a sudeste da sede do município de Algodão de Jandaíra, no Curimataú paraibano, há um sítio arqueológico denominado de “Gruta do Caboclo” posicionado na face leste da Serra do Algodão, antigamente denominada de Serra da Canastra. O único acesso à gruta se dá subindo a serra pela sua face oeste até o dorso, formado de rocha magmática muito intemperizada por agentes meteóricos, onde há inúmeros pequenos poços e

córregos marcados pela erosão no lajedo. Após uma capela lá existente, inicia-se a descida para a meia encosta da serra. Uma perigosa descida de aproximadamente 20m por lajedo liso e íngreme, até chegar a uma plataforma granítica que se forma há aproximadamente 30m de altura em relação à base da serra, onde se encontra a gruta, uma grande cavidade esculpida durante milênios por forças naturais, químicas e físicas, na rocha ígnea. Curioso é que na subida deste único caminho, há um afloramento rochoso contendo uma inscrição rupestre, seria uma indicação do que viria adiante?



**Figura 1:** Entrada da Gruta do Caboclo em Algodão de Jandaíra (Fonte: SPA).

A gruta está na propriedade de Antônio Sebastião Moreno e trata-se de uma concavidade formada na rocha se estendendo por aproximadamente 20m, tendo em média 12m de altura e uma profundidade de 11m, cujas paredes internas, arqueadas para a base, formam-se inúmeras, pequenas e rasas, cavidades que lhe dão o aspecto de uma gigantesca colméia.

Devido sua pequena profundidade em relação a grande proporção de abertura, a gruta é perfeitamente iluminada pela claridade solar e permite visualizar uma bela paisagística, abrangendo uma vasta extensão plana, revestida por uma vegetação porte médio de leguminosas, com leve inclinação para o vale do sinuoso riacho dos Negros.

Na parede de fundo onde existem inúmeras pichações e algumas imagens de santos católicos em gesso depositados nas fendas, a gruta apresenta, na sua porção esquerda, pinturas rupestres em tom vermelho escuro formando dois grupos de bidígitos, um no sentido horizontal e o outro no sentido vertical. São traços paralelos medindo aproximadamente 15cm, estando o grupo vertical a 1,7m do piso e o horizontal a 1,2m. Não foi encontrado nenhum outro vestígio de pintura rupestre na gruta.



**Figura 2:** Inscrições rupestres da Gruta do Caboclo  
(Fonte: SPA).

O piso da gruta é granítico inclinando-se para leste, onde há uma pavimentação de areia branca e fina misturada a pequenos fragmentos de ossos alvos e porosos que demonstram terem sido queimados. Muito provavelmente, mediante o contexto geral dos vestígios, tratam-se de ossos humanos muito antigos.

O sítio arqueológico Gruta do Caboclo, com suas inscrições rupestres, também serviu de necrópole onde, provavelmente, grupos primitivos praticaram muitos rituais fúnebres. Homens pré-históricos cuja estatura girava em torno de 1,8m e seus rituais de enterramento envolviam a queima parcial dos esqueletos.

A primeira escavação arqueológica sistemática ocorrida em território paraibano que a história registra - embora leiga - foi empreendida em fins do século XIX pelo Capitão João Lopes Machado no pavimento da Gruta do Caboclo, atual município de Algodão de Jandaíra. Numa carta remetida para seu irmão, o historiador Maximiliano Lopes Machado, em 9 de julho de 1874, o arqueólogo amador descreve minuciosamente o desenterramento até a terceira camada da areia existente nesta lapa, onde encontrou ossos descomunais, cabelos de mais de um metro de comprimento e uma tanga de palha que desmanchava-se ao mais leve contato (MACHADO, 1912). Concluindo tratar-se da necrópole de uma raça extinta. O que mais impressionou o Capitão foi como podiam ser levados para ali os cadáveres, pois para acessar esta gruta é preciso subir a serra e descer depois com grande risco por uma encosta quase à prumo, estando a abertura a muitos pés do solo. Este relato foi parcialmente publicado na obra de Maximiliano Lopes Machado “História da Província da Paraíba” de 1912.

Muitos outros pesquisadores estiveram na Gruta do Caboclo ao longo dos tempos e registraram suas impressões. Dentre os quais destacamos: o professor de latim Joaquim da Silva que referiu-se em um manuscrito de 1881 existente na Biblioteca Nacional, na gruta haver caracteres e que os primeiros visitantes encontraram esteiras apodrecidas, cruzes de ossos e outros objetos, considerando o local o destino de cadáveres dos primitivos habitantes da Terra. José Américo de Almeida também refere-se à gruta como um sombrio jazigo de um imenso e singular ossário. Eudésia Vieira, em sua obra “Terra dos Tabajaras”, comenta sobre inscrições e esqueletos numa caverna da Serra do Algodão e também, Horácio de Almeida, em sua obra “Brejo de Areia”, de 1958,

alude sobre a necrópole indígena da Serra da Canastra.

Infelizmente, data também de muito tempo o vandalismo nesse singular sítio arqueológico. O historiador paraibano Irineu Joffily relata em sua obra “Notas sobre a Paraíba”, de 1892, ter estado nessa furna, pisando o pó fino que os séculos tinham acumulado em seu solo granítico, procurando nas paredes, cheias de riscos amarelados, um sinal que explicasse o mistério. Joffily lamenta indignado e denuncia a devastação exercida por visitantes ignorantes, que o precederam em diversas épocas, que divertiam-se lançando crânios de serra abaixo. Também estivemos na Gruta no ano de 2010 e constatamos pichações em suas paredes, um sinal de desrespeito a este importante patrimônio arqueológico.

Em fins do século XIX no município de Itabaiana, na região da caatinga litorânea do Estado, por volta do ano de 1890, por ocasião da abertura de alicerces para construção de casas residenciais na localidade de Alto dos Currais, foram encontrados diversos potes de barro contendo ossadas humanas. No entanto, no período não se deu importância ao achado.

Vinte anos após, os pesquisadores do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano foram até o município e constataram tratar-se de um cemitério pré-histórico.

Uma segunda equipe do IHGP voltou no ano seguinte, 1911, formada por João Carneiro Monteiro, Isaac Leitão Pinto, Heráclito Cavalcanti e Edmundo Coelho Alverga para realizar estudos no cemitério. O cemitério encontrava-se em um pequeno monte próximo à margem direita do rio Paraíba, onde eram abundantes os fragmentos de cerâmica de paredes grossas e davam a impressão de uma certa disposição em semi-círculo.

A escavação realizada pela equipe revelou que o cemitério abrangia 10m<sup>2</sup> da porção norte da elevação e, nela, havia inúmeras urnas funerárias cujo interior continham esqueletos humanos que se desfaziam em pó durante a exumação, segundo o relatório dos pesquisadores tratava-se de restos mortais de indígenas da nação Tupi.

Uma vez que a escavação não foi realizada por profissionais de arqueologia, não podemos tirar muito proveito do relatório<sup>i</sup> apresentado pelos pesquisadores e nem sabemos ao certo o destino do material exumado, que seria de muita utilidade para análise sob o prisma dos conhecimentos e postulados atuais.

O enterramento em urnas generalizou-se por todo o Nordeste e não há um consenso cronológico do começo dessa prática funerária e nem relacionado aos grupos étnicos que adotavam esta prática. Menos ainda são as informações precisas sobre ceramistas pré-históricos na Paraíba, a não ser os fortuitos achados de “botijas” notificados sem contexto.

Pesquisas no Nordeste dão testemunhos de enterramentos em urnas onde o cadáver é amarrado em cordas de fibras vegetais e enterramentos secundários onde o corpo é inumado e, após a decomposição, exumado, ritualizado e introduzido em urnas, ou incinerado e suas cinzas guardadas em potes. Muitas vezes, o corpo vem acompanhado de enxoval fúnebre composto de artefatos, adornos e indumentárias do morto.

Pelas descrições da cerâmica fúnebre de Itabaiana, consideradas de paredes grossas, sem decoração e apresentando chãos de cacos, pode-se deduzir filiação à cultura da tradição Aratu, com modificações regionais, e pode estar relacionadas com os achados da Pedra do Caboclo, em Bom Jardim-PE, escavado pelo arqueólogo francês Armand Laroche na década de 1970 e pelas sepulturas exumadas pelo pesquisador Leon Clerot na Serra da Margarida em 1948, no atual município paraibano de Salgado de São Félix.

Atendendo aos objetivos da pesquisa para construção deste artigo, estivemos em Itabaiana para ver como se encontrava indícios deste sítio arqueológico pesquisado no início do século XX. No entanto, hoje toda a área do chamado “Alto dos Currais” está completamente urbanizada e o cemitério indígena, certamente, jaz sob os alicerces do bairro.

Como estes sítios vandalizados, muitos outros foram registrados, testemunhando o quanto já se perdeu na Paraíba de seu patrimônio arqueológico sepulto.

Não gostamos de pessimismo nem lamúrias, por isso procuramos sempre enxergar as coisas com otimismo e até certa utopia. No entanto, ultimamente, os fatos forçam a admitir que na Paraíba uma grande soma de sítios arqueológicos estão irreversivelmente destruídos, tratados por nós em outro artigo<sup>ii</sup>.

De fins de 2007 a meados de 2008, já foram escavados oficialmente três cemitérios indígenas na região do Cariri paraibano: um no município de Camalaú, pela equipe do arqueólogo Carlos Xavier, e outros dois nos municípios de São João do Tigre e

São João do Cariri, pela equipe do arqueólogo Juvandi de Souza Santos.



**Figura 3:** Serrote das Pinturas em São João do Tigre (Fonte: SPA).

A primeira, foi realizada com o apoio do CNPq, através do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR) da Universidade Federal da Paraíba e apoio da Sociedade Paraibana de Arqueologia (SPA), ocorrida entre os dias 23 e 25 de novembro de 2007, a escavação arqueológica se deu numa necrópole indígena na região do sítio Barra, município de Camalaú, no Cariri da Paraíba.

A escavação fez parte do projeto “Programa Arqueológico do Cariri Paraibano” que visa reconhecer os padrões culturais das sociedades pré-históricas que habitaram a região que se estende ao longo do vale superior do rio Paraíba.

O sítio arqueológico se trata de um abrigo sob rocha no alto de um serrote, que serviu de necrópole para os povos daquela região e já havia sido profanado por vândalos e, por isso, as equipes do NDIHR/SPA realizaram uma escavação de salvamento.

Coordenada pelo arqueólogo Carlos Xavier a escavação se deu na principal galeria do abrigo rochoso, numa área quadrada de 28m, que foi subdividida em 14 quadrículas. No trabalho inicial,

cinco quadrículas foram trabalhadas, três destas numa região já bastante perturbada pelo vandalismo, onde foi exumado um rico material entre ossos, cabelos, restos de fogueiras e trançados em fibra vegetal. Duas outras quadrículas foram escavadas numa área onde não houve perturbação do solo e, nesse compartimento, desenterrou-se uma organização de sepultura intacta.

Todo o material exumado foi enviado para o laboratório do NDIHR, no campus I da UFPB, para análise e, logo que possível, se pretende datar por meio de Carbono 14 para enquadrar na tabela cronológica a cultura destes povos do Cariri paraibano.

Em 2008, as cidades de São João do Tigre, no extremo sul do Cariri da Paraíba e São João do Cariri (também no Cariri) receberam pesquisadores da Universidade Estadual da Paraíba e da Sociedade Paraibana de Arqueologia para uma escavação arqueológica nos sítios pré-históricos Serrote das Pinturas e Furna dos Ossos respectivamente. Sob a coordenação do arqueólogo Juvandi de Souza Santos, através do projeto “Cariri e Tarairiú: cultura tapuia no interior da Paraíba”.



**Figura 4:** Sítio arqueológico Barra em Camalaú-PB (Fonte: SPA).

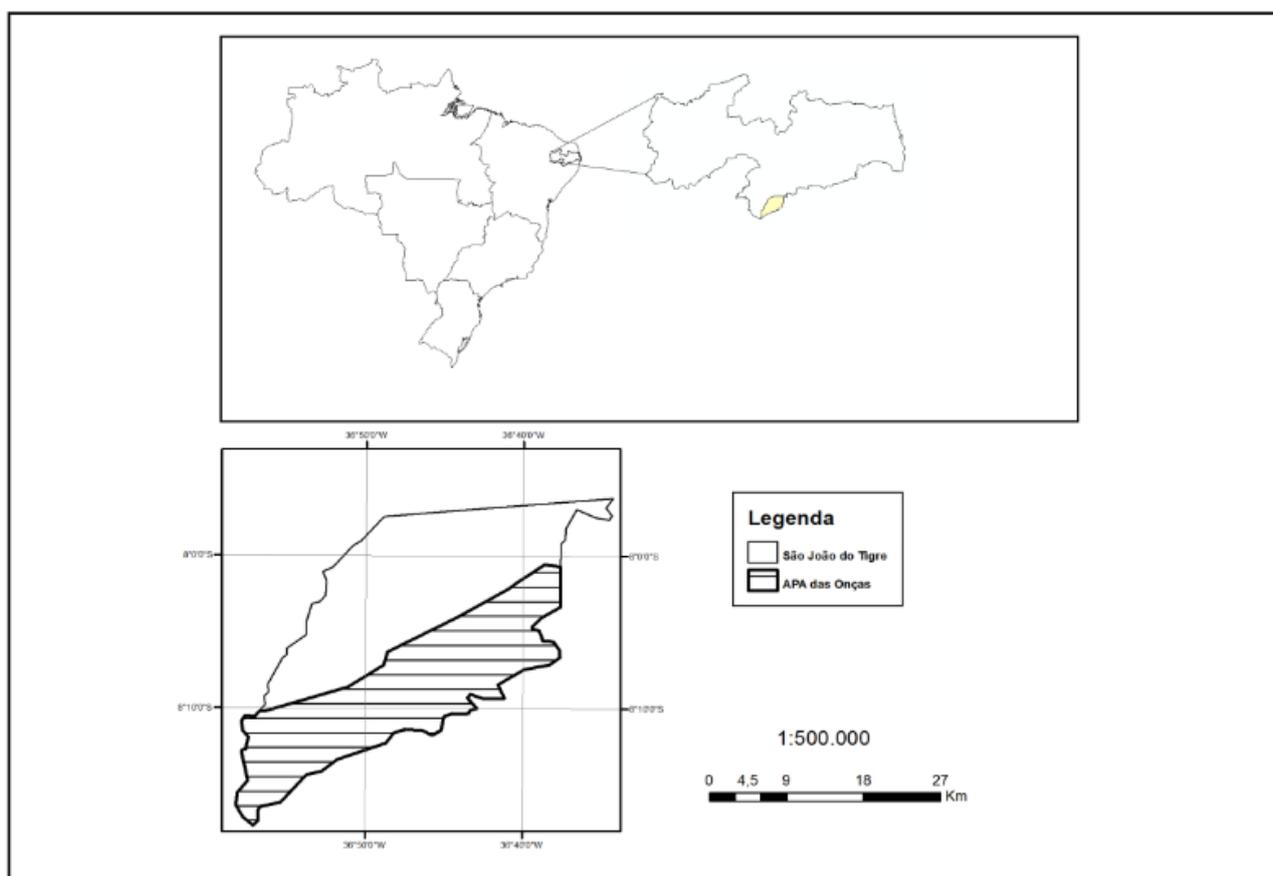
A atividade foi financiada pela Universidade Estadual da Paraíba e teve apoio das Prefeituras Municipais.

Foram necessários meses de preparação com treinamentos, visitas ao local e reuniões da equipe para que o trabalho pudesse transcorrer da melhor maneira, além do aguardo do recebimento de autorizações públicas do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e da SUDEMA (Superintendência de Administração do Meio Ambiente), já que a área a ser escavada – no caso do Serrote das Pinturas – se encontra na Área

de Preservação Ambiental das Onças (APA das Onças).

O sítio Serrote das Pinturas está localizado 5km a leste da sede municipal, em uma região de grande densidade de ocorrências arqueológicas. Trata-se de um serrote, cujo dorso é formado por inúmeros blocos de granito organizados de modo a dispor um abrigo rochoso com 5m de profundidade

contendo em suas paredes internas cinco painéis com pinturas rupestres em vermelho com pelo menos duas tonalidades. Neste serrote, denominado pela população local de Serrote dos Caboclos ou das Pinturas”, além de inscrições rupestres, havia diversos testemunhos orais de sepultamentos humanos primitivos.



**Figura 5:** Localização do estado da Paraíba, de São João do Tigre e da APA das Onças (Fonte: Cunha, 2011).

Lamentavelmente, todo o trabalho só veio apresentar um outro cemitério indígena paraibano irreversivelmente destruído pela curiosidade leiga. Todo sedimento já havia sido removido e nenhuma estratigrafia organizada foi encontrada.

Na localidade de Alagamar, também chamada de “sítio Farias”, no interior do município de São João do Cariri, uma escavação arqueológica também chefiada pelo Professor Juvandi de Souza Santos e financiada pela Universidade Estadual da Paraíba, um sítio-cemitério foi escavado para recolhimento de dados subterrâneos em função da dissertação de doutorado (SANTOS, 2009b).

Trata-se de um pequeno serrote cujo dorso é formado por vários blocos de granito, organizado de forma, a formar um abrigo rochoso com três aberturas. A cavidade natural interna, em meio a

espigões rochosos que aflora mede cerca de 5x5. A única figura rupestre, em tonalidade vermelha, encontra-se na parte externa do abrigo.

O serrote foi denominado pela população local de Furna dos Ossos graças aos ossos humanos que aflora o solo do abrigo. O local é uma necrópole indígena onde acreditamos tratar-se de enterramentos dos índios Cariris e seus ancestrais, levando em consideração o cartograma de Borges (1984). A literatura tem nos informado que a região era ocupada pelos índios Cariris, sendo extintos na região por motivos diversos entre os séculos XVIII e XIX.

Este cemitério indígena também já havia sido profanado há aproximadamente 20 anos por um estudante de medicina, chamado Hermano, que exumou alguns ossos para servirem de modelo para

estudos de anatomia humana. Este médico, segundo nos foi informado, hoje reside na capital do Estado, talvez nem tenha consciência que profanou, de uma só vez, um local sagrado primitivo, um patrimônio da humanidade e uma Lei constitucional que, quando apurada, pune rigorosamente o infrator.



**Figura 6:** Furna dos Ossos em São João do Cariri (Fonte: Prof. Juvandi de Souza Santos).

A escavação na Furna dos Ossos, denominação local deste cemitério indígena devido às ossadas humanas por sobre a superfície, poderia trazer importantes informações sobre estes povos primitivos da região do Cariri: sobre seus costumes, sua tecnologia, determinação temporal, etnia e traços culturais.

## CONSIDERAÇÕES

Como podemos observar, todos os sítios-cemitérios recentemente escavados na Paraíba tiveram um mesmo ponto em comum: já haviam sido anteriormente perturbados por vândalos. Fato entristecedor. Pois estes vândalos, movidos por curiosidade leiga ou simplesmente por barbarismo, destruíram páginas inéditas da pré-história regional, que jamais poderão ser reconstituídas. Antes mesmo da criação da Sociedade Paraibana de Arqueologia, em outubro de 2006, praticamos a educação patrimonial em nossos lugares sociais, nas salas de aula e comunidades na tentativa de minimizar este vandalismo.

Cada escavação destas ocupou dias de trabalho árduo dos cientistas envolvidos e dinheiro público para tentar trazer à luz latentes informações dos remotos antepassados do Cariri. Todavia, tudo foi quase em vão, porque muitos testemunhos

havia sido saqueados e os que sobraram não mais estavam organizados em suas estratigrafias. É como se fossemos ler um livro faltando muitas páginas e as restantes estivessem sem numeração e fora de ordem. Devemos acrescentar que se tratava de “livros” raros, muito antigos e complexos.

O estudo da pré-história não é semelhante ao de sociedades com escrita. Numa sepultura histórica há uma lápide referenciando datas, de nascimento e morte do cadáver, e até seu nome. Um estudo posterior pode revelar sua profissão, naturalidade, estado civil, cor dos olhos e até seu número social. Já em se tratando de um sepulcro indígena, nunca poderemos saber sequer o nome do indivíduo. As informações que podemos aferir seria o período temporal em que viveu, seu status social, etnia, patologias, hábitos alimentares e nível tecnológico. Contudo, estes dados dependeriam da condição de preservação do sepulcro, pois a leitura seria a partir do enxoval fúnebre, do plano sedimentar em que foi sepultado e da não contaminação dos resíduos.

No caso dos cemitérios escavados, só foi possível constatar que se tratava de sepulcros indígenas por algumas contas de colar, ossos muito antigos e tramas vegetais de esteiras. No mais, alguns cacos de cerâmica, carvões e pedras trabalhadas que foram encontrados, são de difícil associação ao morto, uma vez que poderiam ser resultantes de um outro momento, talvez de um caçador que usou o abrigo-cemitério para acampamento provisório de caça. Eis a importância de se estar incólume o sítio.

Como vimos, no interior da Paraíba há uma profusão de sítios arqueológicos em abrigos rochosos e esses espaços espeleológicos estão longe de estar em seu estado natural pois desde tempos imemoriais que são utilizados para práticas de culto e de enterramento. Podemos entender também que a pichação e o vandalismo corrente em todos eles também são práticas de apropriação dos grupos humanos ao longo dos tempos.

Do ponto de vista arqueológico, o vandalismo é uma lástima, pois a arqueologia busca o resgate ancestral e isso é importante para toda a sociedade. Destruir esta fonte de dados é ir contra o desenvolvimento do conhecimento humano. No entanto, do ponto de vista espeleológico é só mais uma ocupação humana durante sua história.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Horácio de. **Brejo de Areia**, 2ª Ed. Editora Universitária/UFPB. J. Pessoa –1980.
- ALMEIDA, José Américo de. **A Paraíba e seus problemas**. 4. ed. Fac-similada da edição de 1923. Brasília: Senado Federal, 1994.
- BORGES, José Elias Barbosa, Indígenas da Paraíba (1), Classificação preliminar **Revista Educação e Cultura**, Ano 3, N° 12 – 1984.
- BRITO, Vanderley de. “O cemitério indígena de Itabaiana”, **Diário da Borborema**, edição de 06/maio. Campina Grande. Caderno de Opinião. 2005.
- \_\_\_\_\_. A Gruta do Caboclo. **Revista Parahyba do Norte**, João Pessoa: nº 14, 2006.
- \_\_\_\_\_. Escavação arqueológica no Cariri da Paraíba. **SBE Notícias**. Ano II, nº 71. dez/2007. Disponível em: [http://www.cavernas.org.br/sbenoticias/SBENoticias\\_071.pdf](http://www.cavernas.org.br/sbenoticias/SBENoticias_071.pdf).
- \_\_\_\_\_. **Arqueologia na Borborema**. João Pessoa: JRC Editora. 2008.
- BRITO, Vanderley de; AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier. Ações policiais em cemitérios indígenas. **Boletim Informativo da Sociedade Paraibana de Arqueologia (SPA)**. Ano II, nº 12. Campina Grande: 2007.
- BRITO, Vanderley de; SANTOS, Juvandi de Souza. “Destruição do passado”, **Diário da Borborema**, edição de 25/jun. Campina Grande, Caderno de Opinião. 2008.

<sup>i</sup> Cf. GUIMARÃES, Luiz Hugo. **História do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano** Ed. Universitária. João Pessoa- 1998.

<sup>ii</sup> O Mapa da destruição. SANTOS e OLIVEIRA, 2006.